



CAPÍTULO 1

Honduras Britânicas
Abril, 1940

Giselle Tchaikovsky sentiu uma vaga apreensão, ao observar o novo modelo Beechcraft 18, de dois motores e de cauda dupla, a levantar voo da pista de terra batida, no campo aéreo, perto da cidade de Belize. À medida que subia ligeiramente no ar quente e húmido, a negra capota do motor e a pintura amarela faziam com que o avião se parecesse com um bonito tucano de penas brilhantes, da selva verdejante, a não mais de 45 metros da vedação, que delimitava a pista.

Ela virou-se e colocou um grande chapéu de palha sobre o seu cabelo loiro, para travar a luminosidade do sol do meio-dia. Ofuscada pela luz intensa, Giselle viu a única sinalização das redondezas, um quadro esbatido e mal pintado à mão, pendurado sobre um decrepito barracão de madeira. “Aeropuerto Belize” era a sua única mensagem.

Analisando o minúsculo cubículo da recepção, os dois parques hangares e o mau estado de conservação da torre de controlo, ela sabia que, mais uma vez, a civilização, tal como a conhecia, era uma ausência naquele local. Este pequeno campo aéreo perto da base da península do Iucatão, era uma realidade distinta da correria e emoção do aeroporto de Miami, de onde havia partido, há dois dias atrás.

Mas ela já estava habituada a deslocar-se pela selva da América Central. Afinal de contas, tinha acabado de lá passar vários meses em escavações arqueológicas, antes do seu regresso aos Estados Unidos. Não havia reservas quanto às condições primitivas.

Jim Morris

As reservas vieram ao não encontrar sinal de Jim ou dos guias. Não era do Jim atrasar-se, especialmente após terem estado separados por quase três meses. Ela sentia a sua ansiedade de estar de novo com ele, por isso tinha uma boa ideia de como ele também sentiria a sua falta.

Caminhando para a aparentemente deserta recepção, com a bagagem a reboque, Giselle parou para acender um cigarro e tentou reunir algum bom humor. Afinal de contas, pensou, era uma sorte existir este pequeno campo aéreo militar, nas Honduras Britânicas. Ela sabia que era apenas um dos poucos locais de aterragem, perto do Iucatão.

Ela lembrou-se da enormidade de tempo que demorou um ano antes, quando ela e Jim viajaram de comboio desde a cidade do México e depois por meios animais, para chegar aquela mesma zona. Um ligeiro franzir tomou posse da sua testa. Devia-se tanto à intensidade do sol, como às memórias das suas aventuras na selva.

Sentia-se também grata por, nesta viagem, um poderoso associado de negócios do seu pai, em Miami, lhe ter permitido usufruir do seu avião privado e piloto. Estava ciente que se tal não tivesse acontecido, que teria demorado dias, senão mesmo semanas, a chegar às Honduras Britânicas por comboio ou por barco.

E a paragem em Havana foi bastante divertida. Hemingway estava a viver por lá, a escrever um romance sobre as suas aventuras na recente Guerra Civil Espanhola. Quando Madrid caiu para Franco, apoiado pelos fascistas, no Outono de 1938, Hemingway apercebeu-se da situação e optou por regressar a casa. Lutava agora pela Frente Popular, apenas com a sua máquina de escrever, em substituição da espingarda. Giselle aproveitou a oportunidade para o contactar. Ele pareceu extasiado de encontrar novamente Giselle e convidou-a para jantar com alguns compadres.

Giselle sorriu, ao lembrar-se do olhar gentil de "Papa", quando se encontraram no lobby de entrada do hotel, em Havana. A primeira vez que se tinham encontrado havia sido na Europa, no início dos anos 30, numa das suas tournées de dança. Giselle era apenas uma adolescente. O grande Ernest Hemingway, já então uma lenda literária, graças aos seus populares escritos sobre a "Geração Perdida" da Grande Guerra, tinha sido simpático e cortês, mas não manifestou particular interesse nela como mulher, apesar da sua reputação de bailarina de classe mundial. Uma das suas desilusões de ser uma criança-prodígio, era que os homens raramente viam além dos seus feitos no palco. Ainda assim, talvez isso fosse uma coisa boa, decidiu ela. Entre a sua



tia Gez a agir como sua dama de companhia e um amor adolescente com o seu parceiro de dança, Michel, Giselle foi poupada aos avanços dos seus admiradores mais velhos. E isso poupou-a, sem dúvida, a algumas desilusões amorosas.

Foi uma história bem diferente, a sua recente passagem por Havana. Agora que Giselle era uma mulher feita, Papa mostrou um interesse bem maior por ela. Os seus olhos detinham-se constantemente no seu apreciado decote e nas suas pernas bem moldadas. Ele ficou mais que contente em renovar o seu conhecimento com a jovem bailarina americana e ficou bastante surpreendido pelo seu recente trabalho, na área da arqueologia. Giselle explicou pacientemente como a sua saturação com o tumulto das tournées de ballet a orientou para a nova profissão.

Papa e os seus amigos transformaram o seu desejo melancólico por Jim em duas noites de bem-vinda distração, uma passagem agitada pelos melhores locais de animação nocturna de Havana, repletos de risos e frivolidade. O seu sorriso abriu, ao lembrar-se de Papa Hemingway, dos seus olhos a brilhar de whisky, à medida que falava das suas aventuras em Espanha, e que desvendava a forma como uma nova guerra se aproximava.

É claro que procurou acompanhar Giselle no seu voo até às Honduras Britânicas, exagerando todos os potenciais riscos que a poderiam aguardar. As autoridades britânicas não a poderiam proteger fora da área da cidade de Belize, avisou ele. Ela viu-se forçada a ser muito firme na recusa da sua oferta. Temia a ideia de ter de combater todos os avanços do homem, durante toda a viagem. Fizeram uma amistosa despedida matinal e Giselle dormiu durante todo o voo, até à península do Iucatão.

Agora ali estava ela; de Jim, nem um sinal.

Com um pequeno bocejo de irritação, deitou o cigarro para a terra e esmigalhou-o com o tacão das suas botas de cano alto. Deixando a sua bagagem à porta, Giselle deslocou-se até ao guichet da recepção, onde encontrou uma mulher de idade escarrapachada num banco de madeira e um homem gordo, de uniforme castanho, debruçado sobre um balcão. Ambos estavam a dormir profundamente.

Batendo no balcão, Giselle assumiu o seu mais educado tom de voz e disse “*Excusa, Señor...*”. O homem saltou como se uma cobra coral lhe tivesse trepado pelo braço acima. Recuou até uma secretária, virando várias pilhas de formulários de papel, de aspecto oficial.

Jim Morris

“*Madre Dios!*”, exclamou, tentando recuperar freneticamente todos os formulários de voo.

Giselle limitou-se a esboçar um ligeiro sorriso, simultaneamente de desculpas e de simpatia. “Oh, peço imensas desculpas, *Señor*. Um homem importante como você deve ter muito mais em mãos do que a segurança de uma pobre mulher, que viaja sozinha. E ainda por cima americana”.

O homem moreno desviou a sua atenção dos papéis que estavam no chão, para Giselle. Os seus pequenos e negros olhos estreitaram-se, numa súbita apreciação da esbelta mulher que estava perante ele e, de imediato, colocou um enorme sorriso.

O par estacou a olhar-se mutuamente, ambos a pensar no que iriam dizer de seguida. Giselle sentiu-se desconfortável com os olhares de luxúria que percorreram todo o seu corpo, detendo-se nas curvas das suas coxas, realçadas pelas justas calças brancas que envergava.

Ficou aliviada de ouvir um estridente barulho que provinha da estrada, que ecoou na pequena recepção. Como um só, tanto ela como o oficial se dirigiram à porta e viram na estrada, uma nuvem de pó que se aproximava.

Quando a poeirenta carrinha Ford se imobilizou à entrada, Giselle reconheceu-a como sendo a que Jim havia comprado três meses antes, quando ela partiu para os “States”.

“Jim!”, chorou ela, os seus olhos a alargarem-se com ansiedade e antecipação. Munida de um amplo sorriso, empurrou o oficial do aeroporto para fora do seu caminho e correu para a porta do condutor. Parou com a visão do condutor baixo e escuro, que desceu da cabine. Dois homens desconhecidos agachavam-se na caixa da carrinha. Olharam para ela com desinteresse.

“Miguel”, disse suavemente Giselle, “Onde está o Jim? Aconteceu alguma coisa?”

Miguel, que havia estado com Giselle e com Jim há meses atrás, quando estes descobriram um dos mais importantes achados arqueológicos do século, deixou pender a cabeça.

“*Si, Señorita*, houve um problema, *mucho problema*”, murmurou, como se sentisse culpado de não poder agraciar Giselle com umas boas vindas mais felizes.

Colocando uma mão na anca e baixando ligeiramente a sua cabeça, Giselle leu o rosto de Miguel. Profundamente séria, articulou pausadamente, “Miguel, vai correr tudo bem. Agora, diz-me o que se passou”.



Como se lhe rebentasse uma barragem por dentro, Miguel começou a falar, com o seu rápido palrar, quase parecia estar a fazer uma denúncia.

“*Señorita* Giselle, quando o *Señor* Peter ouviu que ia regressar, coisas más começaram a acontecer. Ele mudou. Começou a virar os camponeses contra o *Señor* Jim e contra nós e começou a reunir um grupo de homens maus, incluindo *banditos* e caçadores de recompensas renegados. *Muy Malo!* Disse que tinha um dever a cumprir e que nada o poderia deter. Oh, *Señorita*, pensamos que ele está a planear tirar os tesouros do templo”.

“Peter!”, exclamou Giselle. “Oh, Miguel, deves estar enganado. Peter está com a nossa expedição desde o início. Ajudei no parto da sua criança. Ele nunca faria algo como isso”.

Miguel limitou-se a encolher-se, não querendo pôr em causa a sua patroa.

“Ele nunca iria roubar o tesouro!”, disparou Giselle, mais para ela própria do que para Miguel. “Todos concordámos que tudo ficaria no seu lugar, até que pudesse ser devidamente escavado. Foi por isso que todos concordámos em manter a descoberta e a sua localização secreta”.

“*Si*, eu sei, *Señorita* Giselle, mas as coisas correram muito mal. Já houve um ataque ao nosso campo. Um dos homens ficou ferido. O *Señor* Peter negou e não pudemos prová-lo, mas tanto o *Señor* Jim como eu, pensámos que o *Señor* Peter foi o responsável. Foi por isso que o *Señor* Jim ficou para trás, para guardar o tesouro. Foi por isso que ele me enviou aqui para recebê-la. Tivemos de contratar alguns homens extra, como guardas”. Ele apontou para os homens na caixa da carrinha. Apenas então Giselle reparou que os homens detinham velhas, mas mortíferas, espingardas consigo.

Giselle permaneceu imóvel, a sua mente a mil à hora. Ela compreendeu agora a apreensão que tinha sentido na viagem de regresso e o porquê da necessidade que sentia em voltar rapidamente. O que poderia ter acontecido a Peter?

Ela recordou as árduas caminhadas pela selva com Peter Mantel e com a sua mulher, a pobre Katrina, grávida e desconfortável em todo o caminho. Peter era o estereótipo do cientista, até no seu leve sotaque alemão. Era calmo e ponderado, sempre a fazer planos detalhados para cada aspecto da exploração. Giselle sempre admirou os seus meticulosos planos e o seu comportamento reservado. Tornavam-no inacessível e assim, misterioso e atraente. Mas sempre tinha sido amigo deles, trabalhando arduamente e agindo como um contrapeso para o entusiasmo imprudente dela e de Jim.

Jim Morris

O que tinha acontecido?

Giselle sabia que a resposta não seria encontrada no pequeno aeroporto, com a sua única e poeirenta pista de aterragem e o seu singular funcionário administrativo.

“Miguel, *por favor*, pega nas minhas malas”, disse a mulher peremptoriamente. Apontou para o pequeno monte de malas à porta da barraca. “Vamos voltar de imediato. Temos gasolina que chegue?”

“*Si, Señorita*”, respondeu Miguel, apercebendo-se que Giselle lhe havia retirado o pesado fardo da tomada de decisões.

Por entre esta súbita actividade, o oficial do aeroporto disse indistintamente, “*Perdone*, mas há regulamentos a cumprir, formulários a preencher...”

Apercebeu-se então que as malas já estavam a ser atiradas para a caixa da carrinha e que Giselle já subia para o lugar do passageiro da carrinha, enquanto Miguel dava à ignição e carregava no acelerador.

A carrinha incrustada de sujidade regressou à vida e começou a mover-se.

“*Oye!* Espere, não pode ir-se embora sem estes formulários...”, morria a voz do oficial, por entre a nuvem de pó levantado pela carrinha ao longo da estrada, como uma canção que termina.

Miguel conduziu a carrinha por muitos quilómetros, antes de parar para reforçar o depósito com o conteúdo de um jerry can. Depois de encher o tanque de combustível e de consumir um pequeno snack de tortilla e feijão, empurrados com um pouco de tequilla caseira, a carrinha virou para Oeste, por entre um caminho estreito, que se perdia na folhagem verde e viva. Giselle sabia que se aproximavam da fronteira com a Guatemala.

Passaram por entre palmeiras e cacaueiros, que se entrelaçavam na malha de uma espantosa vida selvagem. Havia várias espécies de insectos, morcegos e mesmo de animais predatórios, como os jaguares e os ocelotes. Adiante estava um cada vez mais denso toldo de floresta, com árvores grandes de copas abrangentes, a mais de 40 metros do solo. Estas estavam cobertas de trepadeiras, tais como as orquídeas e as bromélias. Todas procuravam em altura o acesso à luz e à humidade, uma vez que a terra e o solo rochoso da floresta era pobre nestes aspectos. O arvoredo era a casa de barbados e macacos-aranha, papagaios, tucanos, araras e borboletas multi-coloridas.



A monotonia do cenário selvagem, juntamente com o calor, imergiu Giselle num devaneio de sonolência, apesar das oscilações da carrinha. Enquanto o seu corpo descansava nesta viagem atribulada, a sua mente divagava sobre os recentes acontecimentos.

Os seus pensamentos viraram-se novamente para Peter Mantel, o bonito Peter, com as suas maneiras impecáveis e aquele ligeiro sotaque gutural, que sempre a intrigou. Ele era alto e louro, de feições firmes e com um penetrante olhar azul, que parecia sempre analisar rapidamente tudo e todos à sua volta. Os seus conhecimentos de arqueologia e de muitos outros assuntos cativava Giselle. Ela pensava com frequência que se Peter não tivesse consigo a sua jovem esposa e se ela nunca tivesse conhecido Jim, não seria difícil que acontecesse uma relação com o perspicaz cientista. O que poderia ter provocado esta súbita alteração do comportamento de Peter, se de facto ela tinha mesmo ocorrido? Poderia ter sido o caso de outros terem sabido das suas descobertas?

Ainda intrigada com a questão, Giselle aconchegou-se no assento da carrinha e estava à beira de cair no inquieto sono que experimentou no avião.

Apesar dos seus pensamentos, Giselle estava de alguma forma ciente de que se estavam a aproximar do local das escavações, quando ouviu de rompante um som explosivo.

“Raios! Não nos convém nada um furo aqui tão perto do campo”, pensou ela, procurando acalmar-se. Mas depois ouviu outro e outro. A carrinha começou a deslizar loucamente nos apertados confins da selva. A sua mente estava acelerada, a tentar compreender o que se passava.

Algo embateu na parte lateral da carrinha, junto à sua cabeça, e Giselle percebeu que estavam a ser atacados. Instintivamente, ela procurou a sua bolsa de viagem, mas isso foi um gesto inútil. Sem estar à espera de problemas, não tinha consigo a arma que transportara durante tantos meses.

Quando mais dois larâpios atacaram a lateral da carrinha, compreendeu que os seus atacantes provinham da direita. Agarrando-se ao fino metal da porta do furgão, pesquisou furiosamente nas suas memórias da zona, gritando para Miguel, sobre o rugir do motor: “guina à esquerda! Há aqui um riacho!”

À medida que a carrinha cortava à esquerda, um pequeno objecto passou rasante à face de Giselle, sobre o ombro esquerdo da mulher, alojando-se no acolchoamento da porta. Agarrando-se à estrutura da porta para apoio, arrancou o objecto da porta com a sua mão esquerda. Era uma pequena

Jim Morris

seta de madeira. Em pequenos nós esculpido, estavam encaixadas penas de papagaio.

Segurando a ponta junto ao nariz, Giselle reconheceu o odor a curare, um veneno que paralisa rapidamente os nervos motores. Os nativos da região usavam-no há séculos. O seu rosto ficou sombrio. Estes não estão a brincar, pensou ela, atirando a seta para fora da cabine.

Miguel guinava e acelerava desesperadamente, mais para evitar as árvores do caminho, do que propriamente para se esquivar às setas e balas, que choviam sobre a veloz carrinha. “Aqui!”, gritou Giselle, apontando para uma zona mais iluminada, por entre a folhagem da selva adiante.

A carrinha atravessou o denso verde, atirando pelos ares ramos e folhas partidas, em todas as direcções, antes de se encontrar numa área aberta, de um pequeno riacho, que corria num vale. Ao longo do tempo, o curso de água interrompeu a homogeneidade da selva, com o seu fundo rochoso.

À medida que a carrinha baloiçava no leito do rio, os disparos e setas abrandaram consideravelmente. “Pára aqui”, ordenou a americana. “O campo de escavações não pode estar a mais de 90 metros daqui”. Apontou para a direita.

Sentando-se sobre a porta, virou-se para os dois homens na caixa. “Ok rapazes; é aqui que vocês merecem o vosso ordenado. Mantenham-nos afastados, enquanto eu procuro reforços”.

O par armado tomou as suas posições na parte de trás da carrinha, Miguel virou-se para o lado dela e colocou-lhe uma mão sobre o braço. Com um genuíno olhar de preocupação disse: “veja, *Señorita* Giselle. Pode precisar disto”. Com a sua outra mão estendeu-lhe uma pesada e letal Smith & Wesson de calibre 38, modelo policial. Ela sorriu-lhe agradecidamente, desejando ainda ter consigo a sua própria pistola.

Sorrindo e inundada de uma enorme descarga de adrenalina, Giselle agarrou o revólver e gritou um “*Muchas gracias, Miguel! Vaya com Dios!*”, saindo de seguida e correndo para o abrigo das sombras da densa vegetação.

À medida que Giselle progredia através da forte folhagem, em direcção ao campo, manteve-se alerta quanto a alguém que pudesse estar à espreita. Mas nada se moveu.

Rapidamente e de forma guerreira, enquanto superava as barreiras naturais, Giselle sentiu as memórias daquele local a regressarem à sua mente. Lembrou-se do dia em que ela, Jim, Peter e Katrina, juntamente com os seus guias, descobriram o templo enterrado e coberto de trepadeiras, na floresta



virgem desta parte das Honduras Britânicas. Tinha sido há pouco mais de três meses, nos finais de 1939. Pareceu-lhe que tinha decorrido muito mais tempo, após as recentes actividades de Giselle na América, para oficializar as suas descobertas.

Que profundos e prolongados sentimentos de sucesso e alegria sentiram naquele momento. Assim que terminaram as extasiadas comemorações, reforçadas pelas suas escassas reservas de tequilla, a pequena expedição arqueológica estabeleceu um campo de base, equidistante do riacho e do local da descoberta, começando de imediato a escavar o templo escondido, revelando cuidadosamente a sua estrutura, catalogando e fotografando cada etapa do processo.

No seu pensamento, ainda conseguia vislumbrar as magníficas pedras semelhantes a esmeraldas azuis, que descobriu num nicho isolado do Templo. Era a maior reserva do género que ela tinha visto e o seu grau de pureza era espantoso. Apesar de não estar certa daquilo que era, compreendeu de imediato que estava perante uma pequena fortuna. Agora, ao saltar por entre os ramos e folhas, apercebia-se que nunca tinha estado tão preparada para a proteger.

Foram as pedras azuis que motivaram o seu regresso aos Estados Unidos após o Ano Novo de 1940. Demorou-lhe cerca de três meses a ultrapassar a ignorância dos responsáveis do Museu Smithsonian. Ela ainda lhes guardava rancor por terem permitido que um financiador comprasse o exemplar que enviou, para a sua colecção pessoal.

“Nem que fosse Joseph P. Kennedy!”, gritou ao director da instituição. “Nem que fosse o próprio John D. Rockefeller em pessoa, a pedra pertence ao público. Foi por isso que a enviei ao Smithsonian”.

Pensou depois no Crânio do Destino, outro dos espectaculares tesouros descobertos no templo piramidal, há muito esquecido. Compreendia agora que a devia ter levado consigo, pessoalmente. Mas sabia que nem Peter, nem Jim, teriam concordado que saísse das suas mãos. Ambos os homens estavam claramente fixados neste misterioso e antigo artefacto.

Era o crânio de um pequeno adulto, mas era feito inteiramente de cristal de quartzo, com uma peculiar cor de lavanda. E não tinha falhas, sendo anatomicamente correcto, na requintada mestria artesanal que mostrava. Quase totalmente transparente, o interior da caveira captava de alguma forma a luz e decompunha-a numa miríade de cores e padrões, que provocavam estranhas sensações naqueles que os observavam.

Jim Morris

Miguel e os guias estavam claramente desconfortáveis, quando perto do crânio. De forma geral, temiam-no, afirmando que tinha um grande poder, quer para o bem, quer para o mal. O trio de arqueólogos recolheu as lendas e crenças sobre o crânio, tanto a partir dos guias, como junto dos nativos locais. Ainda estavam a fazer esta recolha, quando Giselle partiu para os Estados Unidos.

Na altura, descobriram que o crânio tinha a fama de aumentar os poderes psíquicos de quem o controlasse, conferindo mesmo o poder de influenciar todo o mundo, dependendo do conhecimento do seu proprietário. Tanto ela como Jim riam em privado destas crenças, mas Peter mostrou um interesse entusiástico.

O riso foi rapidamente calado, quando descobriram que o crânio gerava estranhas visões e sonhos, dentro do grupo. Noite após noite, o poderoso talismã afectara-os a todos, causando uma estranha e delirante letargia durante o dia e sonhos alucinantes, à noite.

Giselle ainda se lembrava das vívidas imagens de estranhas e antigas cidades feitas de pedra, com altas espirais e templos monolíticos. Pessoas em estranhos trajes enchiam as ruas e participavam em bizarros rituais, adorando divindades desconhecidas nos tempos modernos. Apesar da sua educação e cepticismo e, após ter tido estas visões em sonhos, Giselle começou a encarar mais a sério as histórias dos locais.

Os nativos chamavam-lhe o Crânio do Destino e afirmavam que tinha mais de 100.000 anos, dando grande poder a quem o possuísse. Giselle estava céptica quanto a estes relatos, especialmente porque a caveira mostrava um domínio da arte fora do alcance dos povos da Idade da Pedra. Mas o seu cepticismo vacilou após os estranhos sonhos.

O crânio era mesmo o mais espantoso objecto que Giselle já tinha visto. Começou a sentir que o objecto possuía de facto algum tipo de poder oculto. Ela sabia, das suas pesquisas, que existiam pelo menos mais dois crânios do género, no mundo, mas nunca os tinha visto, ou lhes dado particular atenção.

Os seus pensamentos foram subitamente interrompidos por um tiro. Veio da sua frente, da direcção do acampamento. Parou. Agachando-se, estudou rapidamente a selva à sua volta.

Com cada fibra do seu ser em estado de alerta e com o revólver em punho, Giselle rastejou até ver as tendas de lona do acampamento. Os tiros cessaram e tudo o que ouvia eram os gritos dos macacos e pássaros assus-



tados, para além de um tiro ocasional, do local onde ficou a carrinha. Miguel e os seus homens ainda deviam estar a segurar a sua posição, pensou.

Aproximando-se por detrás da tenda de armazenagem, pesquisou auditivamente qualquer vestígio de actividade humana. Sem ouvir nada, começou a mover-se cautelosamente em torno da tenda, quando tropeçou numa grande e volumosa forma no chão.

Ao olhar para baixo, Giselle sentiu-se horrorizada por ver o corpo de um dos guias de Miguel. Reconheceu as feições índias do homem. Reconheceu também o buraco de saída de uma bala de grande calibre, na parte lateral da sua cabeça.

Com um nó na garganta, passou por cima do corpo e avançou subtilmente para a tenda que partilhava com Jim. Estava vazia. Olhou em volta, para o campo que havia sido a sua casa, na selva das Honduras. Era um matadouro. A maior parte das tendas tinha sido derrubada e a tenda de laboratório ainda fumegava, do fogo que destruiu a maior parte dos seus conteúdos.

“Ah, merda!” sussurrou Giselle perante tal destruição. Todo aquele equipamento tão cuidadosamente transportado à mão pela selva. Todos os espécimes e artefactos. Que desperdício, pensou, sentindo a fúria crescer dentro dela.

Avançando, encontrou mais dois corpos, estendidos no chão. Com um estômago revirado, fez um rápido exame. Não reconheceu nenhum deles. As suas feições escuras e cicatrizadas, juntamente com as suas roupas ocidentais, diziam-lhe que eram *banditos*, mercenários que cometeriam qualquer crime por dinheiro.

Ficou aliviada de ver que nenhum deles pertencia à sua equipa e ficou surpreendida pela sordidez que a invadiu. “Espero que apodreçam no inferno”, murmurou, ficando de imediato chocada com o seu pensamento.

Olhou em volta para as ruínas e desperdício e sentiu um novo terror a crescer dentro dela. O templo. Meu Deus! O Jim deve estar no templo.

Descartando o cuidado, correu sobre o trilho que levava à imensa pirâmide oculta, não havendo ninguém para lhe fazer uma emboscada. Rapidamente, deu por si na entrada que havia sido desobstruída das trepa-deiras e musgos.

Parou para afinar o ouvido, mas não captou nenhum som fora do normal. Mesmo os sons da agora distante carrinha se tinham esbatido. Tudo estava tranquilo, excepto os habituais macacos e papagaios das copas da selva.

Jim Morris

Recuou um passo e estudou o emaranhado perante ela. Ninguém para além de um arqueólogo treinado conseguiria adivinhar o que seria este orifício parcialmente coberto de trepadeiras e musgo: um gigantesco templo Maia em forma de pirâmide, que havia sido reclamado pela selva. Estava convencida que nenhum pé humano havia caminhado dentro da estrutura, durante uns bons séculos. Tinha permanecido escondida, perdida num manto de folhagem verde, guardando solitariamente os seus tesouros, até que Giselle, Jim, Peter e Katrina interromperam a tranquilidade secular.

E agora, espoliadores assaltaram o seu campo, mataram os seus trabalhadores, procurando obviamente o tesouro para si próprios. A sua fúria regressou. Segurando firmemente o revólver, Giselle entrou cuidadosamente pela abertura.

Passou pelo escuro e húmido corredor interior da pirâmide em forma de escadaria gigante, tão silenciosamente quanto possível, ainda espantada com a antiguidade do cenário. Conhecia bem os antigos e repugnantes rituais que haviam decorrido naquele local, no passado. O seu cabelo começava a colar-se à cara, no calor húmido.

Parou subitamente, com os ouvidos alerta. Ouvia um leve burburinho. Ouvindo com atenção, percebeu que se tratavam de vozes. Havia luz mais à frente.

Giselle precipitou-se para a frente e espreitou para a grande câmara, no centro da estrutura piramidal. A luz de tochas tremeluzia, projectando gigantescas e grotescas sombras sobre as paredes, iluminando parcamente os ocupantes da divisão.

Estavam todos lá. Ela conseguia ver Jim de pé junto a uma parede, enquanto que Katrina se encolhia nuns degraus que levavam a um trono superior. No centro da sala de pedra estava Peter. Numa das suas mãos estava o Crânio do Destino, com os seus olhos a mostrarem um assustador brilho vermelho, devido às luzes das tochas. Na sua outra mão estava uma ameaçadora e mortífera pistola Luger. Estava apontada para Jim.

Giselle imobilizou-se a olhar para a cena por longos momentos, aturdida, confusa com o desenrolar dos acontecimentos diante dos seus olhos. Porque é que Peter reclamou para si a Luger que tinha dado a Giselle, para a sua longa aventura na selva? E porque estaria a apontá-la a Jim?

Giselle estava simultaneamente aliviada pela visão do seu amor, mas também horrorizada com a sua situação. Jim nunca deu muita atenção ao seu visual, mas agora parecia particularmente magro e desgastado. Nunca o devia



ter deixado sozinho, pensou a mulher. Compreendeu que Miguel estava certo. Havia de facto aqui um grande problema e, pela primeira vez, começou a acreditar verdadeiramente que Peter se tinha virado contra eles. Os seus olhos contraíram-se em fúria, devido a tal traição. Pensava furiosamente numa forma de ganhar vantagem sobre este surpreendente desenvolvimento.

“Peter, Peter, não deves fazer isto! Por favor, Peter!”, implorava Katrina, com os seus olhos inundados de lágrimas e de medo. Giselle sempre tinha tido pena de Katrina. A jovem estudante alemã tinha estudado na famosa Universidade Autónoma Nacional do México, na cidade do México, quando caiu na escravidão, devido ao suave encanto europeu de Peter. Peter tinha mostrado a sua educação aristocrática e despreocupada, ao insistir que Katrina os acompanhasse na sua expedição ao Iucatão, apesar da sua gravidez. Jovem e profundamente devota a Peter, Katrina nunca esteve à vontade na selva e ter de dar à luz numa primitiva aldeia foi um insulto adicional. Apesar de raramente se queixar, Giselle sabia que a jovem estava profundamente infeliz, especialmente quando tinha de deixar a sua criança recém-nascida ao cuidado da população indígena.

Jim envergava um rosto severo e com os dentes cerrados, deixou escapar um “seu filho da mãe malvado”, sem nunca desviar o olhar da arma automática. “Não conseguirás fugir com o tesouro. Não tarda, Giselle estará aqui e não tens homens que cheguem. Além disso, iremos seguir-te, não importa aonde vás”.

“Não vais seguir ninguém, meu pateta imbecil”, rosnou Peter num tom de voz mortífero, alinhando o cano da Luger com a cabeça de Jim.

Giselle percebeu que o tempo de pensar tinha terminado. A vida de Jim estava a segundos de acabar. Katrina chorava e tapava a boca com uma mão, aterrorizada.

O corpo de Giselle estava encolhido e pronto a saltar para a sala, quando sentiu dois braços a segurarem-lhe os ombros. Eram grossos e cobertos por grosseiros pêlos pretos, sendo insuportavelmente fortes. Debatendo-se violentamente, foi levada até à sala. Com a circulação de sangue para os braços cortada, o revólver caiu da sua mão dormente sobre o chão de pedra, num ruidoso chocalho metálico. Todos se viraram na sua direcção.

Durante aquilo que pareceu uma eternidade, ninguém falou. Giselle foi posta de joelhos. Os seus braços puxados atrás das costas, até os sentir quase a partir-se. Involuntariamente, fez um som de sofrimento. As feições angulares de Peter esboçaram um sorriso, um sorriso vazio de qualquer calor ou humor.

Jim Morris

Jim começou a mover-se na direção de Giselle, mas Peter rapidamente apontou a Luger à sua cara, forçando-o relutantemente voltar à sua posição, junto à parede.

Com os seus olhos colados em Jim, Peter falou sobre o seu ombro; “então, a filha pródiga regressou. Sabia que devia ter agido mais cedo. Mas isso agora não importa. Bom trabalho, Gomez”.

Giselle conseguiu voltar a cara e ver de relance o corpulento Gomez, que mantinha os seus braços sob um forte aperto. O seu detestável hálito batia no seu pescoço e ela quase vomitou devido ao odor de suor acumulado, que emanava do homem. “Que estúpida fui, em não verificar os corredores laterais”, pensou em arrependimento. O seu cérebro albergava um misto de medo e confusão; medo sobre o destino dela e de Jim e confusão sobre a forma como depositou a sua confiança em Peter. E, mesmo no seu confuso estado mental, um pequeno e distante canto da sua mente já estava a avaliar as suas opções, apesar de infelizmente, lhe parecerem ser escassas.

Obviamente sentindo-se em pleno controlo da situação, Peter pareceu relaxar. Entalando a caveira de cristal sob o seu braço esquerdo, disse tranquilamente, “Compreendo que nenhum de vocês deve compreender a razão pela qual devo fazer aquilo que farei. Quando Katrina e eu sairmos daqui...”, segurou o crânio bem alto, “... juntamente com este nosso pequeno amigo, vocês os dois estarão mortos”.

“Peter, não faças isto!”, gritou Katrina, com a sua cara coberta de lágrimas, pó e outras sujidades.

Peter voltou-se para ela e gritou-lhe: “Cala-te, mulher! Não fazes ideia do que está aqui em jogo. Este lugar tem muito mais do que ouro e pedras preciosas”. Os seus olhos azuis assumiram um olhar distante. “Tanto mais”, murmurou. Já não era o homem frio e calculista que Giselle conheceu na duradoura aventura na selva. Via claramente a intensa luz do fanatismo no seu olhar.

“Como podes fazer isto, Peter?”, gemeu Giselle por entre a sua dor, “depois de tudo o que passámos?”

Uma expressão triste atravessou o rosto de Peter e num tom sincero disse, “é verdade que hesitei em tomar estas decisões contra os amigos que partilharam tantas dificuldades comigo”. Depois a sua boca tornou-se rígida e resoluta. Os seus olhos piscaram. “Mas sei qual é o meu dever”.

“Qual dever?”, grasnou Jim, obviamente a procurar ganhar tempo, enquanto que os seus olhos pesquisavam uma qualquer vantagem na sala.



“Vou ajudar-vos a perceber”, disse Peter, num risinho matreiro. As suas pesadas feições relaxaram. “Hoje encontrei o meu verdadeiro destino”.

Ostentando o crânio de cristal no ar, Peter disse em alto tom de voz: “O poder deste crânio é inimaginável. Encontrei as escrituras que ensinam a usar este poder. Nada está para além do meu alcance”.

“Do que é que estás a falar?”, perguntou Jim, franzindo profundamente as sobrancelhas. Ainda tentava ganhar tempo para pensar numa possível fuga.

Com olhar astuto, Peter dirigiu-se ao seu antigo colega. “Com a tua educação de rapazinho Yankee de colégio, pensas que sabes tudo. Mas há coisas neste mundo que nunca saberás. Sabes, o meu pai é um dos membros do partido...”

“Qual partido?”, interrompeu Jim. O seu tom de voz não mostrava qualquer real interesse na resposta e Giselle percebeu que ele estava a empatar, esperando distrair Peter.

“O Partido Nacional Socialista, é claro”, escarneceu Peter, “o partido do nosso *Führer!*”

“O Partido Nazi!”, exclamou Giselle. “Nunca nos disseste que eras Nazi, Peter”.

O sorriso condescendente de Peter regressou, ao dizer: “nunca perguntaram. Penso que concordámos não debater questões políticas na nossa expedição. Torna as coisas muito mais agradáveis na selva”.

Giselle acenou vagorosamente, ainda a tentar perceber completamente a situação. “Mas... não compreendo...”, adiantou a sua voz.

“Tu, todos vocês, ninguém compreende nada”, interrompeu Peter. “Não compreendem o nosso *Führer* ou os seus planos... ou a sociedade secreta por detrás dele. A chamada *Thule Gesellschaft*”, disse Peter. Baixando a sua voz, acrescentou uma entoação conspiracional, “é uma antiga sociedade de segredos antediluvianos, que nunca poderiam compreender. O meu pai era membro. Introduziu-me neste círculo pouco tempo depois de ter sido expulso da universidade”.

Assumindo uma postura confiante, a voz de Peter subiu de forma emocionada. “Existe uma antiga profecia, passada desde a terra perdida de Thule e conhecida apenas por poucos e selectos membros da Sociedade, que afirma ‘Um irá ascender que, por meio dos conhecimentos proibidos, irá unir o mundo e abrir caminho aos antigos’. Agora compreendo esta profecia e o meu papel nela”.

Jim Morris

Giselle estava em choque. O Partido Nazi? Uma sociedade secreta? Peter, o homem com quem partilhara dificuldades e sucessos ao longo de meses, estava ligado àqueles gorilas que tinham engolido a maior parte da Europa de Leste.

“Estás doido”, declarou Jim, enojado. “Acreditas mesmo que vais governar o mundo?”

A fúria fez uma aparição breve nos olhos de Jim, tendo sido rapidamente substituída por uma expressão convencida e calculista, na sua cara. “É claro que não, meu querido Jim. Não eu. Mas isso não te interessa, porque vais estar morto”. Levantou lentamente a Luger para Jim e apertou o gatilho.

“Peter, não! Não podes!”, gritou Katrina, correndo para se colocar entre os dois homens, justamente enquanto que o trovão ecoava nas paredes da câmara de pedra.

Os olhos de Giselle arregalaram-se de horror, à medida que via Katrina resvalar para o chão de empedrado. Peter ficou quieto, chocado de ver que a sua mulher se tornou numa vítima sua. Dirigiu-se para ela, vendo que ela não se movia. Parou e voltou-se para Jim.

O ódio e a fúria retorceram os seus traços, à medida que gritou para Jim: “Olha bem o que fizeste! Seu porco!” Apontou de novo a arma ainda fumegante para a cabeça de Jim e apertou o gatilho.

“Não!”, gritou Giselle, enquanto um relâmpago de luz saía do cano e a sala se enchia de novo com o respectivo trovão. Ela viu a cara de Jim, a cara que havia tocado a sua em tantas noites de amor, estilhaçar-se numa explosão vermelha. O seu corpo caiu sem vida sobre o solo.

Uma impensável fúria encheu todo o seu ser. “Seu cabrão!”, gritou, lutando contra a apertada chave de Gomez.

“Ah, a bailarinzinha quer cuspir fogo”, respondeu sarcasticamente Peter.

O medo e a confusão desvaneceram-se, à medida que Giselle sentiu uma revolta nunca antes por si sentida, a inchar dentro dela. Com uma força que nunca pensou ter, torceu-se nos braços de Gomez e projectou para trás o seu pé direito. A sua pesada bota de selva embateu violentamente na canela direita do grande homem. Num agudo grito de dor, perdeu momentaneamente o controlo sobre ela. Giselle libertou-se e investiu sobre Peter.

Mas ele não estava desprevenido. Novamente a Luger rugiu dentro da câmara e Giselle sentiu um murro quente e queimado no seu ombro esquerdo, que a fez cair violentamente para trás. A força da bala, combinada com o



embate no chão de pedra, deixou-a incapaz de respirar ou gritar. Conseguia sentir uma humidade quente a invadir-lhe a camisa. Permaneceu atordoadada, pouco consciente da sua envolvência, devido à dor e ao choque. Levantando a sua cabeça, viu uma alfofa escura à sua frente e começou freneticamente a puxar-se em direcção à obscuridade bem-vinda.

Olhando de relance para trás, viu o enorme Gomez no seu encalce, sacando de uma enorme e assustadora faca de mato do seu cinto. Tentou mexer-se mais rápido, mas o seu corpo não respondia. Desmaiou no frio chão de pedra da pirâmide.

“Deixa-a”, ouviu Peter a dizer. Ele parecia genuinamente chocado e mesmo um pouco mortificado com a carnificina espalhada pelo chão da câmara. “Ela não se aguenta até amanhã sem cuidados médicos”.

Os pensamentos de Giselle estavam em espiral, em direcção à inconsciência. Jim e Katrina estavam mortos. O seu colega Peter era um ladrão Nazi, que roubara um tesouro que lhe pertencia a ela e ao mundo. Através da dor acutilante, os últimos pensamentos de Giselle foram de vingança, à medida que a sua consciência mergulhava na escuridão.

A sua última percepção foi a voz de Peter a subir fanaticamente, à medida que gritava, mais para si próprio do que para qualquer público no local; “O meu trabalho aqui está feito e o meu verdadeiro destino aguarda-me. Irei regressar a casa e apresentar este crânio e o poder que representa ao meu líder, Adolf Hitler”.